

# As segmentações não convencionais da escrita inicial: um estudo sobre o troqueu silábico e sua relação com o ritmo linguístico do PB e do PE<sup>1</sup>

Ana Paula Nobre da Cunha  
apncunha@gmail.com

*Centro de Letras e Comunicação, UFPel (Brasil)*

**ABSTRACT.** This paper aims to show, from the description and analysis of unconventional segmentations of words in texts, the relevance of the syllabic trochee in the insertion of space within the limits of the word (hypersegmentation) or in the removal of space between word boundaries (hypossegmentation), as well as its relationship with the linguistic rhythm of Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP). The data analyzed in this study were drawn from texts produced spontaneously by children in the writing acquisition process in Brazil and Portugal. The analyses, based on the Bisol's proposal (2000), point to the fact that unconventional segmentations of words, both in BP and in EP, show similar results regarding the relevance of the syllabic trochee as an important motivator of hyper and hyposegmentations. The main difference between these two varieties of Portuguese is related to evidence of linguistic rhythm in the written language, due to the directionality with which the clitic associates itself to a content word: proclitic in BP and enclitic in EP. That analysis, particularly, is based on Abaurre and Galves (1998).

**KEY-WORDS.** Writing acquisition, unconventional segmentations, syllabic trochee, linguistic rhythm.

**RESUMO.** A partir da descrição e análise de segmentações não convencionais das palavras no texto, este artigo tem como objetivo demonstrar a relevância do troqueu silábico na inserção de espaço dentro dos limites da palavra (hipersegmentação) ou na supressão de espaço entre fronteiras vocabulares (hipossegmentação), bem como a sua relação com o ritmo linguístico do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE). Os dados analisados neste estudo foram retirados de textos produzidos, de maneira espontânea, por crianças brasileiras e portuguesas, em fase de aquisição da escrita. As análises,

---

<sup>1</sup> Este artigo retoma parte das análises apresentadas na tese de doutoramento da autora (Cunha 2010), a qual teve orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ana Ruth Moresco Miranda (Universidade Federal de Pelotas/Brasil) e co-orientação, durante o período de seis meses de estágio na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, do Prof. Dr. João Veloso. Dedico este trabalho a esses dois professores, cujas orientações, cada uma à sua medida, foram fundamentais para a elaboração e conclusão da tese.

fundamentadas na proposta de Bisol (2000), apontam para o fato de que as segmentações não convencionais das palavras, tanto no PB como no PE, apresentam resultados semelhantes quanto à relevância do troqueu silábico como importante motivador de hiper e hipossegmentações. A principal diferença entre essas duas variedades do português está relacionada a evidências de ritmo linguístico na escrita, devido à direcionalidade com que o clítico se associa a uma palavra de conteúdo: proclítico no PB e enclítico no PE. Essa análise, em particular, fundamenta-se em Abaurre e Galves (1998).

PALAVRAS-CHAVE. Aquisição da escrita, segmentações não convencionais, troqueu silábico, ritmo linguístico.

### 1. Introdução

Ao longo dos últimos anos, vem se consolidando o número de pesquisas que abordam a estreita relação entre a escrita inicial, produzida de forma espontânea, e aspectos do conhecimento linguístico infantil, haja vista trabalhos como os de Abaurre (1987, 1990, 1999), Capristano (2003, 2004), Chacon (2004, 2005, 2006), Cunha (2004, 2010), Miranda (2007, 2008, 2009) e Tenani (2004, 2006), dentre outros. O presente estudo insere-se nesse campo de pesquisa, pois parte de dois pressupostos básicos: i) as segmentações não convencionais da escrita inicial podem ser motivadas, dentre outros fatores, pela formação de constituintes prosódicos, e ii) as segmentações não convencionais da escrita inicial podem apresentar evidências de ritmo linguístico.

Estudos sobre a tipologia rítmica do português não são, ainda, consenso entre foneticistas e fonólogos, principalmente quando se toma o pé métrico para a determinação do acento da palavra. Com a intenção de fornecer argumentos fonológicos para os estudos sobre o ritmo do PB, Bisol (2000) enfatiza a importância do troqueu silábico no sistema fonológico, partindo da análise de processos como a redução vocálica, o acento, a haplogia e o sândi vocálico.

Quanto à motivação prosódica, em dados de segmentação não convencional da escrita, conforme Cunha (2010), tanto nos textos de crianças brasileiras quanto nos de crianças portuguesas, a maior parte das hipersegmentações ocorre, dentre outros aspectos, por influência do pé métrico portador do acento principal, em especial, o troqueu silábico. No que concerne às hipossegmentações, particularmente as que se formam devido à junção entre um clítico e uma palavra fonológica, os resultados do

PB e do PE apresentam uma significativa diferença, a saber, a direcionalidade com que o clítico une-se à palavra de conteúdo: proclítica no PB e enclítica no PE. Tal diferença, segundo Cunha (2010), nos remete a evidências de ritmo linguístico na escrita. A análise desses dados, em particular, está fundamentada em Abaurre e Galves (1998).

Com base na relação fala/escrita, nos argumentos de Bisol (2000) e de Abaurre e Galves (1998), dentre outros, este trabalho tem o objetivo de demonstrar, no PB e no PE, a partir da descrição e análise de dados de segmentação não convencional, a relevância do troqueu silábico na inserção de espaço dentro dos limites da palavra (hipersegmentação) ou na supressão de espaço entre fronteiras vocabulares (hipossegmentação), e sua relação com o ritmo linguístico dessas duas variedades do português.

## 2. Os dados analisados

Para este estudo, especificamente, foram selecionados alguns dados<sup>2</sup> retirados de textos<sup>3</sup> produzidos por crianças brasileiras e portuguesas, em fase de aquisição da escrita. Os sujeitos brasileiros eram crianças com idades entre 6 e 12 anos, que cursavam, à época das coletas, as quatro primeiras séries do ensino fundamental de duas escolas de Pelotas/RS/BR (sul do Brasil), uma pública e outra particular. Os sujeitos portugueses, eram crianças entre 6 e 9 anos, de três primeiros anos do ensino básico, de dez escolas públicas, situadas em cidades adjacentes ao Porto/PT (norte de Portugal). Embora se tenha um número bastante significativo de textos, esta pesquisa é de cunho qualitativo, portanto, os dados serão apresentados na medida em que sirvam como exemplos dos fenômenos analisados, sem tratamentos estatísticos ou quantitativos.

## 3. As segmentações não convencionais das palavras no texto

Segmentar um texto em palavras não é tarefa elementar para a criança

---

<sup>2</sup> Os dados de segmentação não convencional estão grafados exatamente como se encontram nos textos infantis, preservando, portanto, a forma de escrita das crianças.

<sup>3</sup> Os textos foram coletados por meio de Oficinas de Produção Textual, cujo principal objetivo era a obtenção de textos criativos e o mais espontâneos possíveis. Essa metodologia aplicou-se tanto no Brasil quanto em Portugal, a fim de que se pudesse garantir a possibilidade de comparação entre os resultados. Todos os textos pertencem ao BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Escrita-FAE-UFPEL).

que está em fase de aquisição, uma vez que é a escrita que a coloca, concretamente, diante da necessidade de segmentar em palavras o que ela entende como um contínuo de sinais acústicos. Essa dificuldade deve-se tanto porque a fala é usada como importante referência para a aquisição da escrita (Kato 2001), quanto porque as crianças têm dificuldades em conceituar *palavra*, em especial, estruturas que possuem apenas uma ou duas letras (Ferreiro & Pontecorvo 1996).

Comparando a fala com a escrita, sem que se reduza esta a uma transcrição daquela, é natural que, no início da aquisição, a criança apresente tendência a escrever com um número mais reduzido de segmentações e que, gradativamente, no decorrer do processo, comece a segmentar mais o texto. A instabilidade em conceituar palavra leva a criança a entendê-la, muitas vezes, como um enunciado e não como uma unidade gramatical ou semântica. Durante esse processo, hipóteses sobre os limites das palavras são testadas, deixando transparecer para a escrita, em certos casos, o conhecimento linguístico da criança acerca da fonologia da língua, particularmente, da fonologia prosódica.

De acordo com Cunha (2010), o espaço inserido dentro dos limites da palavra ou o suprimido entre as fronteiras vocabulares, tanto nos dados do PB quanto do PE, podem ser motivados, dentre outros fatores, pelos constituintes prosódicos<sup>4</sup>. Para este trabalho, destacam-se as hiper e hipossegmentações motivadas pelo constituinte pé métrico, especificamente, o troqueu silábico, ou pé trocaico.

#### 4. O acento e o troqueu silábico

Antes das sílabas formarem uma palavra fonológica elas devem se agrupar em pés, cuja principal característica é a relação de dominância entre duas ou mais sílabas (Nespor & Vogel, 1986). Segundo as autoras, o estudo do pé métrico é de fundamental importância em pesquisas que investigam sobre o acento prosódico, pois possibilita a identificação de sílabas tônicas e átonas no interior da palavra e, também, nas sequências de maiores proporções.

---

<sup>4</sup> As segmentações não convencionais da escrita são analisadas, neste trabalho, à luz dos constituintes prosódicos, conforme proposta de Nespor & Vogel (1986).

O pé métrico binário, de um modo geral, é estruturado de forma a ter uma sequência com uma sílaba relativamente forte e outra relativamente fraca. A proeminência, à esquerda ou à direita, varia de língua para língua. No português, segundo Bisol (1994, 1996), as sílabas podem ser estruturadas em pés binários construídos com cabeça à esquerda – troqueu silábico –, contando-se da borda direita da palavra. Esses pés têm a seguinte representação: (\* .), na qual a sílaba forte é indicada pelo asterisco e a mais fraca pelo ponto, conforme os exemplos em (1), os quais apresentam palavras paroxítonas, regra geral do português.

(1) bala	borboleta	colete
(* .)	(* .)(* .)	(* .)
(* .)	( * )	( * )

Bisol (2000: 404) interpreta o PB como uma língua de ritmo misto, ou seja, “uma língua de ritmo acentual e silábico, com forte propensão para o último”. Para fundamentar sua argumentação, a autora enfoca processos fonológicos que salientam o papel do troqueu silábico como um dos elementos básicos do ritmo do PB, tais como: a) redução e a queda da vogal em proparoxítonas; b) atribuição do acento primário e secundário; c) resultados de aplicação da haplogogia; d) bloqueio da degeminação e da elisão.

## 5. O troqueu silábico nas segmentações não convencionais

Nesta seção, apresentamos, nas duas variedades do português, dados de hiper e hipossegmentação, a partir dos quais pretendemos analisar a influência do troqueu silábico e sua relação com outros processos fonológicos que porventura estejam envolvidos nas segmentações não convencionais das palavras.

### 5.1. Hipersegmentações

Os dados a seguir apresentam estruturas muito semelhantes, tanto no PB quanto no PE, no que diz respeito à influência do troqueu silábico como importante motivador da inserção de espaço indevido dentro dos limites da palavra; razão pela qual analisamos simultaneamente as duas variedades do português.

Tanto no PB quanto no PE, são dois os tipos de hipersegmentação mais frequentes entre os dados analisados, a saber, a inserção de espaço que resulta em um clítico e uma palavra fonológica (2), e a que resulta em duas palavras fonológicas (3), conforme exemplos que seguem.

- (2) **PB:** *a onde* (aonde) / *em bora* (embora) / *su bimo* (subimos) / *xa mado* (chamado)  
**PE:** *a migo* (amigo) / *as neiras* (asneiras) / *de pressa* (depressa) / *a quele* (aquele)

Consideramos, neste trabalho, como palavra fonológica não só aquela que possui significado lexical, mas também, conforme Cunha (2004), todas as estruturas que apresentam um acento primário. Portanto, nos dados em (2), as estruturas resultantes à direita são palavras fonológicas, nesses casos, dissílabas e paroxítonas, evidenciando, assim, a forte influência do troqueu silábico.

Nos dois primeiros dados do PB, assim como em todos do PE, podemos considerar que a inserção do espaço tenha ocorrido, também, devido ao reconhecimento, por parte da criança, dos clíticos “a”, “em”, “as” e “de”. Ainda nos dois primeiros dados do PB, pode ter havido a identificação das palavras lexicais “onde” e “bora”, essa última como redução de “embora”, usada na fala coloquial brasileira. No entanto, nos dados *su bimo* e *xa mado*, do PB, parece ficar mais claro que o troqueu silábico é o motivador da segmentação, visto que as sílabas deixadas à esquerda – *su* e *xa* – não são clíticos da língua e tampouco *bimo* ou *mado* são palavras lexicais, mas, sim, troqueus silábicos. Nos dados do PE, embora todas as palavras que ficam à esquerda sejam clíticos, apenas “pressa”, das estruturas que ficam à direita, poderia ser considerada como palavra lexical. As demais – *migo*, *neiras*, *quele* – podem facilmente ser reconhecidas como um troqueu silábico.

Nas hipersegmentações em (3), da inserção do espaço resultam duas palavras fonológicas, já que podemos constatar, em cada uma delas, a presença de um acento. Em ambos os dados, no PB e no PE, observa-se a divisão de uma palavra polissílaba em duas palavras dissílabas e paroxítonas. Em se tratando da noção de palavra, Abaurre (1991) aponta essa estrutura como a preferida das crianças em fase de aquisição da escrita.

- (3) **PB:** *mara vilha* (maravilha) / *verda deiro* (verdadeiro) / *perso nagem* (personagem)  
**PE:** *capo chinho* (capuchinho) / *entre tanto* (entretanto) / *desfar ssado* (disfarçado)

Embora, em (3), todas as estruturas resultantes da hipersegmentação sejam troqueus silábicos, podemos considerar também que no dado *mara vilha*, tenha havido, por parte da criança, o reconhecimento do nome próprio “Mara”, como outro fator de motivação para a inserção do espaço, porém, nos demais exemplos do PB, o pé trocaico parece ser o mais importante motivador da segmentação, visto que as palavras formadas não possuem significado lexical.

A presença do sufixo indicador de diminutivo, no primeiro dado do PE, pode ser, também, uma forte motivação para a inserção do espaço. Segundo Bisol (1996), alguns sufixos, como *-mente* ou *-zinho*, podem ser considerados palavras, uma vez que possuem acento primário. No segundo dado do PE – *entre tanto* –, as duas palavras que se formam, além de serem pés trocaicos, possuem significado no léxico. As demais estruturas – *capo*, *desfar*, *ssado* –, porém, não são palavras lexicais, mas troqueus silábicos, e embora não deixemos de reconhecer que a estrutura *ssado* apresenta semelhança com a palavra lexical “assado” ou mesmo com o nome do rio português “Sado”.

## 5.2. Hipossegmentações

Os dados de hipossegmentação apresentam, nas duas variedades do português, uma significativa diferença no que diz respeito às estruturas que envolvem um clítico e uma palavra de conteúdo<sup>5</sup>. Enquanto no PB, as hipossegmentações são formadas, na sua maioria, pela junção de um clítico a uma palavra fonológica, nessa ordem, no PE, ao contrário, a estrutura hipossegmentada forma-se devido à falta de espaço entre uma palavra fonológica e um clítico. Portanto, apresentaremos as análises desses dados separadamente.

---

<sup>5</sup> Devido à relevância dessa diferença, para a análise do ritmo, optou-se por não apresentar, neste artigo, análises de outros tipos de hipossegmentações senão as que relacionam um clítico a uma palavra fonológica.

Os dados que seguem – do PB – são hipossegmentações resultantes da juntura entre um clítico e uma palavra fonológica, formando, na maioria das vezes, palavras polissílabas, nestes casos específicos, compostas por quatro sílabas. As hipossegmentações apresentadas em (4) são formadas por dois pés binários, do tipo troqueu silábico.

- (4) a. *omenino* (o menino)                      c. *miacordava* (me acordava)  
b. *cimcontrava* (se encontrava)              d. *mesequeso* (me esqueço)

Em (4.a), o clítico “o”, por princípio, átono, com a reestruturação das sílabas, dentro da estrutura hipossegmentada, passa a receber um acento secundário (Collischonn 1994). Embora haja, nos textos analisados, diversos dados desse tipo, nos quais as hipossegmentações são formadas apenas pela juntura do clítico à palavra fonológica, formando dois pés troqueus, optamos por enfatizar, neste artigo, as hipossegmentações que apresentam processos fonológicos nas fronteiras de palavras, por acreditarmos que tais processos são evidências importantes da formação de pés trocaicos.

Dessa forma, nas demais hipossegmentações, apresentadas em (4), ocorrem reestruturações silábicas por meio de processos de sândi vocálico – degeminação e ditongação –, os quais favorecem, nesses dados, a manutenção de estruturas de pés trocaicos. Sem os processos de reestruturação, ao unir o clítico à palavra fonológica, haveria um número ímpar de sílabas, ocasionando, de acordo com Collischon (1994), a possibilidade de ritmos alternantes, decorrentes da variação na implementação do acento secundário. Em (5), demonstramos como essas estruturas passam de ritmo alternante para ritmo binário, em decorrência dos processos de sândi.

- (5) a. se.(en.con.) tra.va ~ (se.en.) con.tra.va > (cim.con.) tra.va  
          (\* .)                      (\* .)                      (\* .)  
b. me.(a.cor.) da.va ~ (me.a.) cor.da.va > (mia.cor.) da.va  
          (\* .)                      (\* .)                      (\* .)

Como podemos observar, em (5.a), a hipossegmentação se mantém com uma formação de dois pés trocaicos, mesmo após à junção do clítico,



devido ao processo de degeminação<sup>6</sup> (“s[e] [e]ncontrava” > “s[e]ncontrava” > *c[i]mcontrava*). Enquanto em (5.b), os dois troqueus são mantidos graças ao processo de ditongação (“m[e] [a]cordava” > *m[ia]cordava*).

Na hipossegmentação em (4.d) – *mesequeso* –, encontramos uma diferença no processo, pois, levando-se em conta apenas a degeminação, essa estrutura, ao contrário das anteriores, resultaria em uma palavra de três sílabas (“m[e] [e]squeço” > *m[e]squeço*). Propomos, portanto, duas possíveis análises, conforme apresentamos em (6).

- (6) a. (me.es.) que.ço > me.[se].que.ço > (me.se.) que.so  
( \* . ) ( \* . )  
b. (me.es.)que.ço > m[e]s.que.ço > me.s[e].que.ço > (me.se.)que.so  
( \* . ) ( \* . )

Em (6.a), podemos considerar que na palavra de conteúdo “esqueço” tenha havido uma metátese entre os segmentos de sua primeira sílaba, [es] > [se], devido à influência do processo de alfabetização, em que a criança inverte a sequência de segmentos na sílaba, em busca da estrutura canônica, CV. Em (6.b), podemos concluir que, após uma degeminação, houve uma epêntese de [e], para formação de mais uma sílaba que completaria o pé binário. Dessa forma, as análises que apresentamos em (5) e (6) são exemplos de hipossegmentações nas quais os processos fonológicos, nas fronteiras em que houve a supressão do espaço, são indispensáveis à preservação dos pés troqueus.

Conforme anunciamos no início desta seção, ao contrário do PB, no PE, as hipossegmentações mais frequentes são as resultantes da juntura entre uma palavra fonológica e um clítico, nessa ordem, de acordo com os exemplos em (7).

- (7) a. *abrasarte* (abraçar-te) / *fenchiuse* (fingiu-se) / *visitala* (visitá-la)  
b. *chamavase*(chamava-se)/*contaronlhe*(contaram-lhe)/*faltame*(falta-me)

As hipossegmentações apresentadas em (7) são resultantes da juntura entre um verbo e um pronome. Em (7.a), os verbos que eram oxítonos,

<sup>6</sup> Após a degeminação há um processo de alçamento da vogal [e] > [i].

com a juntura do clítico, transformaram-se em palavras paroxítonas, enquanto em (7.b), os verbos que eram inicialmente paroxítonos tornaram-se proparoxítonos. O importante é que em nenhum caso a regra da janela de três sílabas, para o acento em português, é infringida. Isso ocorre tanto em dados do PE quanto do PB.

Embora a juntura entre verbo e pronome seja a mais frequente no PE, as hipossegmentações formadas por uma palavra fonológica e um clítico apresentam outro tipo de ocorrência, conforme apresentamos em (8). Consideramos que estes dados estejam diretamente ligados a questões de ritmo, as quais serão discutidas na seção 7 deste artigo.

- (8) a. boca tão grade **parate**<sup>7</sup> comer melhor  
b. O capuchinho **pergutuque** olhos tão grandes

Como podemos observar em (8), levando-se em conta o contexto sintático das frases de que fazem parte os clíticos, “te” e “que”, seria esperado que estivessem unidos à palavra fonológica da direita, “comer” e “olhos”, respectivamente. No entanto, esses clíticos seguem o efeito de direcionalidade (Carvalho 1989) e, em posição enclítica, formam troqueus silábicos com a palavra anterior (Abaurre & Galves 1998).

## 6. O ritmo linguístico no PB e no PE

Para a análise dos dados que apresentam segmentações não convencionais relacionadas à direcionalidade com que o clítico une-se à palavra fonológica, fundamentamos o presente trabalho – em relação ao ritmo linguístico do PB e do PE –, especificamente, na proposta de Abaurre & Galves (1998). Partindo de uma abordagem otimalista<sup>8</sup> e minimalista<sup>9</sup>, as autoras propõem um estudo sobre as diferenças rítmicas entre o PB

<sup>7</sup> A sequência “para te” é bastante frequente nos textos, do PB e do PE, devido ao fato de que uma das Oficinas de Texto, utilizada na recolha de material, foi o conto de fadas “Chapeuzinho/Capuchinho Vermelho”.

<sup>8</sup> A Teoria da Otimalidade ou Otimalidade (Prince & Smolensky 1993) é um modelo de análise gramatical cujos objetivos principais são estabelecer as propriedades universais da linguagem e caracterizar os limites possíveis da variação linguística entre as línguas naturais.

<sup>9</sup> O Programa Minimalista de Chomsky (1995) propõe, segundo Abaurre & Galves (1998), a supressão dos níveis internos à própria gramática (Estrutura-D e Estrutura-S), mantendo somente LF (Forma Lógica) e PF (Forma Fonética), definidos como os níveis de interface com os sistemas de desempenho, respectivamente, o Sistema Conceptual-Intencional e o Sistema Articulatório-Perceptual.

e o PE, em que discutem a relação entre tais diferenças e fenômenos de redução de vogais pretônicas em ambas as línguas. Essa questão, segundo as pesquisadoras, não pode ser discutida sem levar em conta a colocação do acento secundário.

O ganho das teorias de acento e ritmo, conforme Abaurre & Galves (1998: 377), deve-se ao fato de “que elas permitem atribuir aos princípios específicos da organização rítmica a origem de determinadas diferenças prosódicas entre sistemas linguísticos muito semelhantes”, em especial, sistemas como o PB e o PE.

Nessa proposta, as autoras usam uma análise feita por Carvalho (1989), no que diz respeito à redução das pretônicas e à integridade morfológica, relacionadas com o ritmo. Carvalho (1989) considera que as sílabas pretônicas, que não se integram a um pé trocaico construído lexicalmente, fazem parte de um grupo rítmico no nível pós-lexical. Para o autor, o PB e o PE são diferentes quanto à direcionalidade dessa integração: enquanto no PB essa integração aconteceria para a direita, na forma de próclise; no PE, seria para a esquerda, na forma de ênclise.

Para exemplificar a análise de Carvalho (1989), Abaurre & Galves (1998: 384) apresentam dois enunciados iguais, obtidos na leitura de uma missa, nos quais as fronteiras de unidades rítmicas são representadas por //:

**PB:** Naquele // tempo // disse // Jesus

**PE:** Naquele // tempo // disse Je // sus

Para as autoras, a diferença na direcionalidade, proposta por Carvalho (1989), está acompanhada de uma outra: “as sílabas associadas à direita são integradas a um pé contido na mesma palavra, enquanto as sílabas associadas à esquerda são ritmicamente integradas à palavra precedente”. No PB, os grupos rítmicos correspondem às palavras, enquanto, no PE, a integridade da palavra não é respeitada, visto que ocorre o grupo //disseje//, conforme apresentado no exemplo acima.

A proposta de Abaurre & Galves (1998) é a de que o PB e o PE possuem comportamentos diferentes em relação aos fenômenos de redução vocálica e à atribuição do acento secundário, em decorrência da diferente hierarquização de três vínculos ou restrições, a saber, a “integridade da

palavra fonológica”, a “binariedade do pé” e o “pé trocaico”<sup>10</sup>. As autoras apresentam, em sua proposta, uma detalhada análise da ordem relativa de cada uma dessas restrições e concluem que o PB e o PE caracterizam-se por possuírem diferentes hierarquias, conforme se apresenta a seguir:

PB	PE
1. integridade da palavra fonológica	1. pé trocaico
2. binariedade do pé	2. integridade da palavra fonológica
3. pé trocaico	3. binariedade do pé

7. As evidências de ritmo linguístico em segmentações não convencionais  
Retomando o que foi posto no início da seção 5.2, os dados de hipossegmentação, no PB e no PE, apresentam uma relevante diferença no que diz respeito às estruturas que envolvem um clítico e uma palavra de conteúdo. Nosso objetivo é mostrar, com base na proposta de Abaurre & Galves (1998), que essa diferença apresenta evidências de ritmo linguístico na escrita. Começemos, então, pela estrutura “para te”, que despertou nossa atenção, uma vez que é recorrente, em ambas as variedades do português, em muitos dos textos analisados.

- (9) a. **PB:** e esa boca é para **tever** melhor minha netinha  
b. **PE:** boca tão grade **parate** ver melhor

De acordo com o que podemos observar em (9), a estrutura que sofre variação quanto à direcionalidade não se trata exatamente de uma sílaba pretônica, conforme apresentado na proposta de Abaurre & Galves (1998), mas um clítico. Como já dissemos no início deste artigo, a criança em fase de aquisição da escrita encontra dificuldades em considerar como palavra estruturas de uma ou duas letras, portanto, tende a associá-la a uma palavra de conteúdo. Da mesma forma, essa instabilidade faz com que, em alguns casos, a criança separe uma sílaba da palavra, confundindo-a com um clítico, conforme se observa na maioria dos dados de hipersegmentação. Levando-se

<sup>10</sup> Segundo as autoras, a restrição “pé trocaico” não leva em conta o número de sílabas. Refere-se apenas à localização da cabeça do pé à esquerda. Dessa forma, fazem parte dessa família de pés fonéticos os dâtilos – uma sílaba forte e duas fracas.

em conta essa instabilidade da criança, em estabelecer diferença entre o que é uma sílaba ou um clítico, consideramos absolutamente relevante a análise da direção em que esse clítico é associado à palavra de conteúdo.

Em relação às hipossegmentações que apresentamos em (9), interessantes, especificamente, algumas diferenças entre esses dois dados. Em (9.a), a estrutura *tever* não é novidade em relação aos dados do PB, pelo contrário, faz parte do tipo mais numeroso encontrado nos textos das crianças brasileiras, ao mesmo tempo que é condizente com a estrutura oral do PB, ou seja, pronome em próclise. Diferentemente, em (9.b), a criança não coloca o pronome da forma como é regularmente utilizado na fala do PE, enclítico ao verbo; coloca-o, porém, enclítico ao pronome que precede o verbo. A motivação mais coerente que se nos apresenta para essa diferença está posta na análise dos grupos rítmicos proposta por Abaurre & Galves (1998), conforme demonstramos em (10).

- (10) a. **PB:** *e esa boca é para tever melhor minha netinha*  
*... é // para // **tever** // melhor...*  
b. **PE:** *boca tão grade parate ver melhor*  
*... **parate** // ver me // lhor*

Ao seguirmos a distribuição rítmica proposta por Abaurre & Galves (1998), as hipossegmentações, em (10), parecem ser motivadas pela formação de grupos rítmicos distintos em ambas as variedades do português. Em (10.a), embora essa hipossegmentação se justifique pelo simples fato de no PB ser esperada a junção do pronome ao verbo, em posição proclítica, podemos também acrescentar que, de acordo com a proposta de Abaurre & Galves (1998), essa estrutura estaria igualmente adequada à formação de grupos rítmicos, uma vez que a integridade da palavra fonológica foi preservada em preferência à formação do troqueu silábico.

De maneira diferente ao PB, de acordo com Abaurre & Galves (1998), no dado do PE, (10.b), o clítico “te”, por ser átono, associa-se ao grupo rítmico que o antecede, formando um pé troqueu, do tipo dátilo. Ao olharmos o restante da frase, é coerente pensarmos que a sílaba ‘me’, da palavra “melhor”, esteja incorporada ritmicamente ao verbo “ver”, formando com ele um pé trocaico, mesmo que esse grupo rítmico não esteja

representado por meio de uma hipossegmentação. Não podemos esquecer que postulamos, desde o início de nosso trabalho, não ser a escrita uma transcrição da fala, portanto, não pretendemos que as crianças escrevam obedecendo literalmente ao ritmo da língua. Postulamos, sim, que o erro pode ser entendido como um “vazamento” (Abaurre 1999) de formas de oralidade para formas de escrita, como, por exemplo, *parate e tever*, assim como todos os outros dados analisados neste trabalho.

A seguir, apresentamos outras hipossegmentações para comprovar que nosso achado não é único e que essa motivação rítmica encontra-se em outros tipos de segmentações não convencionais da escrita<sup>11</sup>. Em (11), analisamos mais dois dados em que o clítico “te” se junta à palavra adjacente em diferentes direções, no PB e no PE.

(11) a. **PB:** *agora uma rodadinha para mim tever*

... *para // mim // tever*

b. **PE:** *Não fales com estranhos e nãote percas!*

... *nãote // percas*

Apresentamos, novamente, duas possibilidades de juntura do clítico “te”. A diferença entre o PB e o PE está, assim como nas hipossegmentações analisadas em (10), no fato de que, no primeiro dado, (11.a), o clítico une-se ao vocábulo seguinte, formando uma palavra fonológica, sem considerar a formação de um troqueu silábico. Ao contrário, em (11.b), o “te” não acompanha o verbo, formando com ele uma palavra fonológica, mas se junta ao grupo rítmico que o precede, criando um troqueu silábico.

Diferentemente dos dados anteriores, em que o clítico em questão era um pronome, nas hipossegmentações a seguir, em (12), apresentamos dados em que o clítico é uma preposição e a palavra de conteúdo, um substantivo. No PB, em (12.a), é mantida a integridade da palavra fonológica, mesmo que o clítico não seja portador de acento secundário, formando-se, portanto, uma palavra trissílaba de cabeça medial.

<sup>11</sup> Essas evidências rítmicas, relacionadas ao efeito de direcionalidade, apresentam-se também em dados a que chamamos de híbridos (Cunha 2010), os quais são formados por hipo e hipersegmentação em uma mesma estrutura, como, por exemplo, *pora que/a* (por aquela) ou *seua migo* (seu amigo). No entanto, para este trabalho, analisamos apenas as hipossegmentações.

- (12) a. **PB:** *a professora mais bonita **domundo***  
... mais // bonita // **domundo**
- b. **PE:** *o cassador ouviu gritos e foi a casa e **abriua barrigado lobo***  
... a // briua **ba** // **rrigado** // lobo

Em (12.b), no PE, acontecem duas hipossegmentações diferentes. Analisaremos primeiro // barrigado //, que se relaciona mais diretamente com o dado do PB apresentado em (12.a). O clítico “do”, seguindo a estrutura rítmica, junta-se à palavra fonológica que o precede, formando um troqueu silábico (dátilo). Se levarmos em conta a formação dos grupos rítmicos no PE, a preposição não poderia juntar-se à palavra seguinte em função do acento primário de “lobo”, que é característico do começo de um novo grupo rítmico.

Não existe nessa estrutura, como seria possível, em função dos grupos rítmicos, uma hipersegmentação da sílaba pretônica ‘ba’. Todavia, isso não nos surpreende devido ao que explicamos anteriormente, ou seja, não pretendemos que todo o texto esteja segmentado de acordo com a possível divisão rítmica da fala.

Ainda na frase apresentada em (12.b), encontramos a hipossegmentação *abriua*, na qual temos junção do artigo “a” com a palavra que está à sua esquerda, um verbo. Novamente observamos a formação de um troqueu silábico em uma palavra trissílaba de cabeça medial. No PB, em frases semelhantes a essa do PE, o mais comum seria encontrarmos o artigo ou a preposição associados ao substantivo à sua direita e teríamos, então, *abriu // abarriga // dolobo*, seguindo o tipo de estrutura proposta por Abaurre & Galves (1998), para o PB.

#### 8. A relação entre o troqueu silábico e o ritmo linguístico do português

De acordo com as análises que apresentamos nas seções 5 a 7, parecemos clara a relevância do troqueu silábico como forte motivação nos dados de hipersegmentação, em ambas as variedades do português. Sem deixar de considerar que, no PB, muitas hipossegmentações, particularmente as que formam palavras polissílabas e apresentam processos fonológicos em suas fronteiras vocabulares, também parecem ser fortemente motivadas pela formação de dois pés trocaicos.

Uma vez que as hipersegmentações ocorrem dentro dos limites vocabulares, temos, por conseguinte, como maior influência, nesse contexto, o acento principal da palavra. De acordo com Bisol (2000), o acento primário é comum às duas variedades do português. Junte-se a essa ideia o fato de que a maior frequência de palavras, na língua portuguesa, pertence à classe das paroxítonas, cujo pé do acento principal é um troqueu. Concluímos, pois, que as hipersegmentações, tanto no PB quanto no PE, demonstram como forte motivação a inserção de um espaço antes da sílaba forte de um pé métrico, especificamente, do tipo trocaico. Para analisar evidências de ritmo, precisamos, todavia, ir além dessas constatações e encontrar o que as duas variedades, brasileira e lusitana, apresentam de diferente em seus dados de escrita.

Observamos que a principal diferença entre os dados do PB e do PE encontra-se nas hipossegmentações que envolvem a direcionalidade com que um clítico se une a uma palavra adjacente. Em se considerando, segundo Abaurre & Galves (1998), a direcionalidade como um dos componentes favoráveis ao estudo do ritmo, podemos afirmar que as hipossegmentações oferecem melhor contexto para as análises rítmicas. Além do que, levando-se em conta que o ritmo é um fenômeno prosódico estabelecido no nível pós-lexical, também nesse aspecto as hipossegmentações – uma vez que podem extrapolar os limites da palavra –, parecem-nos as estruturas mais adequadas para os estudos de ritmo.

Quanto à proposta de Abaurre & Galves (1998), vale ressaltar que, em nossos dados de escrita, as evidências rítmicas mais fortes encontram-se na supremacia da “integridade da palavra fonológica” para o PB e do “pé trocaico” para o PE. Esse resultado corrobora, portanto, a ideia de que “o ritmo em PE é baseado no troqueu, enquanto o ritmo brasileiro se constrói respeitando, sobretudo, as fronteiras de palavras fonológicas” (Abaurre & Galves 1998: 394).

Podemos concluir, afirmando que, em se tratando do português brasileiro e do português europeu, o troqueu silábico exerce um papel relevante na segmentação não convencional das palavras no texto. Essa motivação se mantém no PE, no que se refere à formação de grupos rítmicos, enquanto no PB essa relevância está em respeitar os limites da palavra fonológica, diferenciando-se, portanto, a estrutura rítmica dessas duas variedades do



português.

### 9. Considerações finais

Por tudo que apresentamos, concluímos que dados de segmentação não convencional, encontrados em textos produzidos de forma espontânea, por crianças brasileiras e portuguesas, apresentam evidências capazes de colaborar para com a discussão sobre o ritmo linguístico de ambas as variedades do português.

Não podemos perder de vista que, ao lidar com dados de escrita espontânea, é possível que ocorram variações na forma de grafar e segmentar uma mesma palavra dentro de um mesmo texto. Entendemos, portanto, essa flutuação como intrínseca ao processo, tanto no PB quanto no PE. Reafirmamos, pois, que não pretendemos, em momento algum, considerar que a escrita seja uma transcrição da fala.

De um modo geral, os dados aqui descritos e analisados parecem evidenciar a influência do troqueu silábico nas segmentações não convencionais da escrita inicial de crianças brasileiras e portuguesas, o que contribui para o reconhecimento desse tipo de pé como uma importante unidade para os estudos de ritmo do português. Pode-se dizer ainda que essas crianças, durante o processo de aquisição da escrita, são bastante sensíveis a esse constituinte prosódico. Dessa forma, mais uma vez, confirma-se que estudos com base na relação fala/escrita podem apresentar contribuições para os estudos desenvolvidos no campo da fonologia.

### REFERÊNCIAS

- Abaurre, M. B. 1987. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? *Anais de Seminários do Gel*. Campinas: IEL/Unicamp.
- Abaurre, M. B. 1990. *Língua oral e língua escrita: aspectos da aquisição da representação escrita da linguagem*. Mimeo, IEL- UNICAMP. Campinas.
- Abaurre, M. B. 1991. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da ABRALIN*. 11: 203-217.
- Abaurre, M. B. 1999. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: R. Lamprecht (Ed.). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto

- Alegre: EDIPUCRS, 167-186.
- Abaurre, M. B. & Galves, C. 1998. As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. *DELTA*. 14 (2): 62-82.
- Bisol, L. 1994. O acento e o pé binário. *Letras de hoje*. 29 (4): 25-36.
- Bisol, L. 1996. Sândi externo: o processo e a variação. *Gramática do português falado*. 5: 55-94.
- Bisol, L. 1996. O Sândi e a ressilabação. *Letras de hoje*. 31 (2): 159-168.
- Bisol, L. 2000. O troqueu silábico no sistema fonológico. *DELTA*. 16 (2): 403-413.
- Capristano, C. C. 2003. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. Dissertação. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Unesp. São José do Rio Preto/Brasil
- Capristano, C. C. 2004. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*. 39(3): 245-260.
- Carvalho, J. B. 1989. Phonological conditions on Portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rythmical patterns. *Linguistics*. 27: 405-436.
- Chacon, L. 2004. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de hoje*. 39 (3): 223-232.
- Chacon, L. 2005. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*. 34: 77-86.
- Chacon, L. 2006. Prosódia e letramento em hipersegmentações; reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: M. Corrêa (Eds.). *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas: Mercado de Letras.
- Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge: The MIT Press.
- Collischonn, G. 1994. Acento secundário em português. *Letras de hoje*. 29 (4)(98): 43-53.
- Cunha, A. P. N. 2004. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. Dissertação – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/Brasil
- Cunha, A. P. N. 2010. *As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu*. Tese – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/Brasil.
- Ferreiro, E. & Pontecorvo, C. 1996. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: E. Ferreiro, C. Pontecorvo, N. Moreira & I. Hidalgo. (Eds.). *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. São Paulo: Ática, 38-66.
- Kato, M. 2001. *No mundo da escrita*. São Paulo: Editora Ática.
- Miranda, A. R. M. 2009. Os dados de aquisição oral e escrita e o estatuto das codas mediais do português. In: G. Ferreira-Gonçalves, M. Keske-Soares & M. B. de Paula. *Estudos em Aquisição Fonológica*. 2.

- Miranda, A. R. M. 2008. A aquisição ortográfica das vogais do português – relações com a fonologia e a morfologia. *Revista Letras*. 36.
- Miranda, A. R. M. 2007. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: R. Lamprecht. *Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Nespor, M. & Vogel, I. [1986]1994. *La prosodia*. Madrid: Visor Distribuciones, S.A.
- Prince, A. & Smolensky, P. 1993. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. Technical report #2 of The Rutgers center for Cognitive Science. Rutgers University (inédito).
- Tenani, L. 2004. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. *Letras de hoje*. 39 (3): 233-244.
- Tenani, L. 2006. Domínios prosódicos no Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental. *Estudos Linguísticos*. XXXV. 118-131.